

RESUMO - EIXO TEMÁTICO 3 - PAISAGEM CULTURAL E ÁGUA -
PAISAGENS RIBEIRINHAS, FLUVIAIS E COSTEIRAS / FRENTES D'ÁGUA
URBANAS, PORTOS HISTÓRICOS, MANGUEZAIS E DELTAS CULTURAIS /
BACIAS HIDROGRÁFICAS COMO UNIDADES DE GESTÃO CULTURAL /
TERMALISMO E ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS / ÁGUA, CIDADE E
PLANEJAMENTO / PATRIMÔNIOS HIDRÁULICOS E INFRAESTRUTURAS
DA ÁGUA / SABERES TRADICIONAIS E COSMOLOGIAS DAS ÁGUAS /
CULTURA ALIMENTAR E ÁGUA / MUDANÇAS CLIMÁTICAS / TURISMO E
ROTAS CULTURAIS DA ÁGUA / PAISAGEM E CIDADES BALNEÁRIO.

**(INFRA)ESTRUTURAS DO SAGRADO: ÁGUA, ALIMENTO E PAISAGEM
CULTURAL NAS CERCAS CONVENTUAIS FRANCISCANAS**

Manoel Ageu Da Silva Neto (manoel.neto@fau.ufal.br)

Maria Angelica Da Silva (mas.ufal@gmail.com)

Este trabalho propõe uma leitura ecoambiental da paisagem cultural dos conventos franciscanos tombados do Brasil, deslocando o enfoque tradicional que os avalia a partir da monumentalidade arquitetônica para focar a atenção em uma área pouco abordada e conhecida dos mesmos: a cerca conventual. Situada nos fundos e laterais do convento, mais que um espaço de subsistência, atuava também enquanto infraestrutura paisagística, espiritual, e simbólica. Entendida não como simples limite físico, a cerca articulava hortas, pomares e sistemas de captação e distribuição de água que garantiam a autossuficiência material dos frades e estruturavam práticas cotidianas de comensalidade, disciplina e comunhão.

A pesquisa investiga os percursos do alimento — da cerca produtiva ao refeitório ritual — como eixo organizador da arquitetura, da paisagem e da experiência sensível nos conventos. Fundamenta-se em estudos de campo realizados em conjuntos franciscanos de Marechal Deodoro (AL), Olinda (PE), Igarassu (PE) e João Pessoa (PB), combinando observação direta, deriva, registros audiovisuais, cartografias afetivas e análise bibliográfica. Essa abordagem permite compreender a alimentação como tecnologia simbólica, capaz de integrar práticas agrícolas, técnicas construtivas, ritos coletivos e valores franciscanos de simplicidade, trabalho e reverência à criação.

Destaca-se o papel da água como elemento estruturante dessa paisagem cultural. Cisternas, poços, tanques e canais conectavam a cerca aos espaços internos do convento, assegurando a irrigação dos cultivos, o preparo dos alimentos e a manutenção da vida cotidiana. Tratada franciscanamente como “dom da criação”, a água operava como fluxo vital entre cultivo, cozinha e refeitório, articulando infraestrutura técnica, simbolismo religioso e cultura alimentar. Assim, o patrimônio hidráulico franciscano revela-se indissociável da paisagem e da espiritualidade, configurando um sistema integrado de saberes ambientais e práticas cotidianas.

O estudo evidencia que a preservação do patrimônio conventual exige ultrapassar a leitura restrita ao edificado, incorporando dimensões paisagísticas, imateriais e sensoriais frequentemente invisibilizadas pelos processos de urbanização e pela fragmentação dessas áreas vegetadas que, por não serem entendidas como patrimônio, vêm sendo subtraídas paulatinamente. A perda das cercas e de seus sistemas hídricos compromete não apenas a integridade física dos conjuntos, mas também a leitura dos modos históricos de relação entre arquitetura, natureza e alimentação.

Ao salientar a comensalidade como prática espacial e cultural, o trabalho contribui para o debate contemporâneo sobre paisagem cultural, patrimônio e projeto, oferecendo subsídios para estratégias de leitura, preservação e gestão que reconheçam infraestruturas verdes e hidráulicas como componentes essenciais do patrimônio. A cerca franciscana emerge, assim, como paisagem de conexão — entre água, alimento e espiritualidade — e como amostra histórica de sustentabilidade socioambiental *avant la lettre*.

Palavras-chave: paisagem cultural; comensalidade; cultura alimentar; infraestrutura verde; cercas conventuais; franciscanismo.